

**DA LOUCURA DA TRADUÇÃO À TRADUÇÃO DA LOUCURA:
FORMAS DE SE OUTRAR**

Viviane Veras*

RESUMO: *Em virtude das diversas vias que se abrem, este trabalho carece necessariamente de algo que se possa chamar de método, no sentido de não se pretender sistemático. O objetivo é acompanhar, na medida do possível, o movimento do que se põe em tradução, no sentido mais amplo do termo, e as formas como nessa tarefa a alteridade é acolhida, rejeitada, irreduzível. O que aqui se ensaia é uma travessia de corpo e linguagem, que erra entre a tradução e a loucura, sabendo que o que resiste à compreensão pode aparecer apenas pelo que sua ausência comemora.*

PALAVRAS-CHAVE: *tradução, loucura, alteridade, corpo, linguagem.*

ABSTRACT: *Due to the many spreading paths, this paper inevitably lacks what one could call a method, as it is not intended to be a systematic work. It aims at addressing, as far as possible, the movement of what is subject to translation, in the full sense of this word, and the ways by which otherness is welcome, rejected and irreducible in such task. What this work essays is a body and language crossing which meanders between translation and madness, acknowledging that what defies comprehension can only be unveiled by what its absence commemorates.*

KEYWORDS: *translation, madness, otherness, body, language*

Traduzir é, afinal de contas, loucura¹.
(Maurice Blanchot)

*Viviane Veras é professora do Departamento de Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Coordenadora-associada do Centro de Pesquisas em Tradução (Unicamp). Membro fundador do Centro de Pesquisas Outrarte (arte/psicanálise). Pesquisadora dos Grupos: Linguagem e Identidade: Abordagens Pragmáticas (Unicamp) e Abordagens Multidisciplinares da Tradução (MultiTrad) - UFPR.

¹Maurice Blanchot,(1971, p. 73). Essa e todas as traduções não indicadas nas referências são minhas.

Considerações

Loucura e tradução. Uma prova do estrangeiro que cobrou de Hölderlin a própria existência. “Prova” em que Antoine Berman (2002, p. 40) escreve a relação entre a tradução, “o impulso violento da língua estrangeira”, e a esquizofrenia.

Traduzindo os gregos, o Hölderlin poeta se lança na tarefa de fazer “*aparecer* a luta que se desenrolou no original e que conduziu ao equilíbrio que ela é” (*idem*, p. 305), revelando a tradução como lugar de fecundidade, mas também de perigo, de confusão de línguas, das formas de acolher a alteridade e, portanto, de loucura. E, no entanto, é esse o poeta cujas traduções, segundo Walter Benjamin ([1923] 2008, pp. 80-81), tocam o sentido “como uma harpa eólia [é tocada] pelo vento”, arriscando-se ao “monstruoso perigo originário de toda tradução: que se fechem as portas de uma língua tão dominada e expandida, encerrando o tradutor no silêncio”.

A tradução como loucura, posta em epígrafe neste trabalho, aparece ligada à amizade, à estranheza irreduzível do amigo, da língua sempre estranha em que nos fala. Para Blanchot (1971), o tradutor sente como falta, na sua própria língua, tudo o que há de promessa no original, aproximando-se – sem ceder talvez à tentação de romper todas as cadeias, como fez Hölderlin – dessa estranheza provocada justamente pela proximidade, por essa singular familiaridade. “O homem decidido a traduzir está”, segundo o autor, “em uma intimidade constante, perigosa, admirável, e é dessa familiaridade que ele tem o direito de ser o mais orgulhoso e o mais secreto dos escritores – com essa convicção de que traduzir é, afinal de contas, loucura” (1971, p. 73). Trata-se de experimentar o impossível que se constata quando o estrangeiro permanece a um passo, interrompido, mas ressoando, no limite do que Jacques Derrida (2003) chamou de *hospitalidade*, de mais de uma forma de entender e escutar o estrangeiro, entre o que hospeda (*hostis*)² e o que é hospedado (*hostis*). A decisão de escolher se impõe, e o outro é tão somente aquele que chega de surpresa, o acolhimento do outro inesperado: o único acolhimento de fato. Trata-se, ainda, segundo Blanchot (1969, p. 109), da interrupção que demarca a distância entre interlocutores “infinitamente separados”, e do vazio da ruptura – vazio que pode dar lugar à errância, à loucura.

Em *À l'Écoute*, Jean-Luc Nancy (2002, p. 15) chama nossa atenção para as vibrações da palavra *sentido*³, privilegiando a *ressonância* posta de lado pela *evidência* e reivindicando certo estar à escuta do que chamou de um “barulho visual”. Que segredo se revelaria no esforço de captar a sonoridade na franja da mensagem; no quase imperceptível movimento de fechar os olhos suspendendo o ponto de vista dado, a teoria, e dando lugar ao “sujeito da escuta ainda por vir” (*idem*, p. 44)?

²Cf. Émile Benveniste. ? “L’hospitalité”, cap. 7 (v. I. 1966, pp. 87-101). Hostis tinha primeiro o sentido de “igualdade por compensação”, e tinha o sentido de estrangeiro, mas com direito de cidadão. Designou em certa época a vítima que serve para compensar a cólera dos deuses, *hóstia*, e também o hóspede; quando assume a acepção de hostil, aplica-se apenas ao inimigo (*idem*, pp. 92-93).

³Nancy (2002, p. 19) chama a atenção para o verbo francês *entendre*, que se traduz tanto por *comprender* (compreender) quanto por *tendre l’oreille*, estender a orelha como quem estende a mão, como “o sentido que não se contenta em fazer sentido (ou em ser *logos*), mas que, além disso, ressoa”.

É nos ecos dessa necessidade de (se) interromper para escutar e se escutar que este ensaio se abre à loucura da tradução, sem alibi, acenando afirmativamente ao interlocutor que se furta a improváveis análises.

1. Traduções da loucura

Quando publica *Memórias de um Doente de Nervos*, em 1903 (2006), o jurista Daniel Schreber acredita piamente que seus escritos devem ser tomados como uma contribuição de grande valor para as pesquisas científicas da época, e mesmo para aperfeiçoar a obra divina e beneficiar a sociedade. É verdade que a psiquiatria da época mostrou-se pouco ou nada receptiva às teorias schreberianas, mas foram elas que despertaram em 1911 (1996) o interesse do cientista Freud.

Músico, poliglota, conhecedor das leis, Schreber escreve com clareza e descreve com riqueza de detalhes o funcionamento dos nervos. Traduz com desenvoltura a língua falada por seus nervos, definindo-a como uma atividade corporal involuntária que o coage a produzir ininterruptamente pensamentos e movimentos vibratórios que lhe causam dor, especialmente quando há um alongamento do tempo das vozes, como se delas só restasse a emissão sonora incessante, a matéria fônica. É contra essa língua que busca um antídoto⁴, “aquilo que é dado contra” (*anti + didonai*), algo que se dá para neutralizar as propriedades tóxicas de outros corpos, que se dá contra o que envenena, por exemplo. Foi essa palavra, *antídoto*, que me trouxe à lembrança o tormento de Daniel Schreber; o tormento de não poder dispor livremente de seus nervos, de ter de traduzir, dentro da própria língua alemã, essa recitação a que dá o nome de “fala dos nervos”.

Para proteger seu corpo das vozes que o obrigam a pensar sem descanso, Schreber faz uso de que antídoto? Ele tenta produzir interrupções e escandir as palavras que se sucedem de modo indistinto, num *continuum*. Para abafar os sons das vozes dos pássaros, cujo conteúdo capta e traduz para seu médico, toca o piano de forma martelada, recita sequências de números, fala em voz alta, ou passa de uma língua para outra de acordo com certa homofonia, sem se preocupar com a equivalência de sentido entre as palavras, e mantendo o sistema linguístico alemão. Além dessas tentativas de evitar as vozes, o fato mesmo de Schreber escrever suas memórias dirigindo-se a outro – a seu psiquiatra, o Dr. Flechsig – abre, segundo Contardo Calligaris (1989), a possibilidade de ser ouvido e de sustentar-se socialmente como aquele que terá sido o autor de “uma das obras mais interessantes que já foram escritas desde que o mundo existe” (SCHREBER, 1985, p. 370). Freud lê nesses escritos de Schreber a função reparadora do delírio: essa “formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” ([1911]1996, p. 78). O delírio constrói um novo mundo; um mundo do qual o paranóico não pode sair, mas em que pode viver.

⁴Essa proposta de tradução como antídoto e terapia, do grego *θεραπεία*, foi apresentada em uma mesa-redonda no evento *O corpo que não adocece: arte e saúde em diálogo pela saúde integral*, em 7 de abril de 2010, Casa das Rosas, São Paulo (texto no prelo: Atos de fala e escrita em cenas da tradução).

Na época da publicação do texto de Freud sobre esse Schreber que se reconstrói pela escrita das memórias, a decomposição esquizofrênica das palavras já era foco de grande interesse. No meio psiquiátrico já havia diversos estudos sobre o excesso de formações neológicas, o hermetismo das metáforas, e a importância do ritmo e do caráter fônico das palavras para os doentes. A psicanalista francesa Mayette Viltard (2007), em um estudo sobre a psiquiatria dessa época, relata a surpresa de um dos médicos⁵ com o fato de a sintaxe permanecer ileso nas perturbações delirantes – um fenômeno não muito distante do famoso exemplo chomskiano: “ideias verdes descoloridas dormem furiosamente⁶” – e, ainda, com o fato de que, mesmo entre os doentes que apresentam as falas mais incoerentes, “a tradução permanece inalterada, o doente é capaz de traduzir longos textos e de recitar e repetir com perfeição um discurso que não é seu” (2007, p. 211), por cuja enunciação não se sente responsável – a enunciação outra.

Esses psiquiatras falam também em automatismos do alienado e, em 1931[1932], o então jovem psiquiatra Jacques Lacan refere-se aos escritos de uma paciente como escritos “inspirados”, e busca neles, lendo-os pausadamente em voz alta, um ritmo, uma melodia. De fato, já nas primeiras articulações de Lacan, é possível ler no texto “‘Écrits ‘inspirés’: Schizographie⁷”, escrito com Lévy-Valensi e Pierre Migault, uma referência ao parentesco musical e à contiguidade sonora que favorece a criação de neologismos e de famílias de palavras, a partir de processos semelhantes aos estudados por etimólogos e linguistas em suas reflexões sobre as mudanças pelas quais passa uma língua. Lacan tenta decifrar o escrito da paciente a partir de interrupções que introduzem uma nova pontuação capaz de que dar ao texto outra cadência, buscando uma leitura que reduza a distorção e encontre uma sintaxe que produza sentido. Essa busca de um sentido regular, de algo de poético na fala da paciente, certa busca de um “querer dizer”, observa Viltard (2007), vai perder a importância para Lacan, que vai seguir depois a trilha de Freud, para quem o delírio é uma barreira à catástrofe da desapareção da possibilidade de isolar no *continuum* os elementos significantes.

A medicina do final do século XIX buscava tirar de cena o sujeito, e tudo fazia para evitar e contornar o relato da experiência subjetiva, sobre a qual não haveria controle possível. Concentrava-se, então, em uma leitura objetiva dos sintomas, de modo que a *anamnese* – a história da doença – pudesse servir tanto para determinar o exame e o diagnóstico quanto para a prescrição terapêutica. Já por volta de 1890,

⁵A autora destaca especialmente o caso apresentado por C. Pfersdorff, psiquiatra de Estrasburgo, que, em 1927, publicou um artigo "La Schizophasia; les catégories de langage" que foi referência para os primeiros estudos de Lacan, resgatados na análise do caso *Aimée*, foco de sua Tese de Doutorado em 1932.

⁶Chomsky (1957, p. 15) propõe esse exemplo para mostrar uma sequência da língua inglesa – *Colorless green ideas sleep furiously* – perfeitamente gramatical, sintaticamente falando, mas sem sentido, de acordo com a semântica (que exclui o poético reivindicado por Roman Jakobson, 1974, p. 85, que não escuta desvio em *A grief ago [I saw him there]*).

⁷O nome *schizographie* deve-se ao fato de a paciente em questão, Marcelle C., apresentar significativa distorção entre a língua falada – funções intelectuais íntegras, atenção, memória, lógica reivindicativa – e a escrita incoerente, que considera estranha, estrangeira e “inspirada”, no sentido forte de “imposta”, ditada por outro.

a partir de seus estudos sobre a afasia e na contramão dessa posição positivista, Sigmund Freud considerava o fato de que é sempre por meio da linguagem que os doentes relatam aos médicos seu mal estar.

É nessa relação entre linguagem e medicina que Roy Porter (1997, p. 367) nos fala das grandes “dificuldades de tradução entre o idioma do paciente e o jargão técnico do profissional”. No capítulo “Expressando sua enfermidade” – relativo à Inglaterra georgiana –, Porter (1993) aponta os estranhos poderes das palavras que podem servir de *antídoto* às doenças, “talvez embebidas em algum placebo”. Vem desses poderes o hábito de dar aos médicos muito tagarelas o nome de *ciarlatani*, e o ditado então corrente que diz: “doença nomeada é doença quase curada”.

2. Tradução como *talking cure*

Mas a relação entre linguagem e corpo pode ser buscada ainda muito antes, na psicagogia (condução da alma, da psique) de Górgias, que viveu no século IV a.C. Górgias conta que acompanhava seu irmão médico à casa dos doentes que não se deixavam persuadir a ingerir um *pharmakon*, uma droga: *quem persuadia era eu [dizia], sem outra arte que não a retórica*. O retor os convence, diz Armando Plebe (1978, pp. 4-8), melhor do que o médico, de que ele é médico: ao mesmo tempo sabe ser e sabe fazer supor que sabe. O saber de Górgias não é da ordem do conhecimento, mas da ordem da escuta do momento oportuno, ligado ao momento da intervenção, no "momento crítico" da doença⁸.

Distante da sedução, e mesmo da pura persuasão, a leitura freudiana do psiquismo inclui o corpo; e corpo, em psicanálise, não é identificado ao somático nem ao organismo. O problema com a histeria, por exemplo, é que os sintomas corporais revelam-se irreduzíveis às explicações anatomopatológicas, e a racionalidade clínica da época não tem como lidar com o fato de que o corpo da histérica é um corpo falante, um corpo constituído por linguagem.

E assim se mostra o corpo de Anna O., apresentada ao leitor de Freud ([1895] 1996) nos “Estudos sobre a histeria” como uma mulher inteligente e perspicaz. Entre os graves sintomas que apresenta – perturbações da visão, alucinações, paralisias, sonambulismo, debilidade e anemia – chama atenção a profunda desorganização funcional de sua fala. Anna mistura quatro ou cinco línguas, atrapalha-se, não encontra as palavras, para no meio das frases, interrompe-se de tal modo que chega a emudecer. Assim que melhora, diz que não entende mais o alemão e passa a falar somente inglês. É capaz de ler fluentemente em francês e em italiano, mas se Freud lhe pede que leia em voz alta, reformula o que lê numa exímia tradução a prima vista para o inglês. *That's like an examination*, comenta, rindo, quando Freud tenta fazê-la encenar para outro médico essa leitura de passagem, pedindo-lhe que leia em inglês um texto em francês.

⁸A citação de Hipócrates trazida por Plebe (1978, p. 18) é: "O momento oportuno (kairós) é a alma de um tratamento (therapeia)". A fala do paciente exige a escuta do analista, mas o momento de fala do analista, o momento oportuno da interrupção, é aquele que permite a escuta do paciente. Apresento um estudo do kairós ligado à psicanálise freudiana em minha tese de doutorado: *Linguisterria: um chiste*. Unicamp, 1999.

Com o passar dos meses, Anna observa, primeiro, que falar de suas alucinações – que Freud chama ainda de “traduzir” [*übersetzen*] – liberta-a delas, produzindo o que batizou de uma *talking cure*, uma cura pela fala. Observa, em seguida, que essa fala libertadora só funciona com Freud – embora tenha sido antes paciente de Josep Breuer (que é co-autor dos Estudos) e demonstre afeto por ele. Além da eliminação de sintomas como distúrbios de visão e de audição, paralisias, anestésias, tosses, tremores... a fala acaba por funcionar como um antídoto para os próprios distúrbios de fala.

3. Corpos falantes

Se o organismo tem por movimento originário o retorno ao inanimado, a direção da morte, é preciso incrustar nele algo que é da ordem do artifício, e não de natureza pura. É esse artifício, nomeado por Freud ([1891]1977) “aparelho de linguagem” no livro sobre as afasias, que vai produzir o corpo propriamente dito – forças de vida que se opõem às de morte. Pode-se dizer que, de certa forma, o organismo é colonizado por isso que vem de fora dele – assim, no discurso freudiano não há corpo sem psiquismo, e é a linguagem que lhe é exterior, a alteridade que precede esse organismo, que vai conferir a ele o que chamamos de humanidade. O Freud neurologista não nega a realidade das funções fisiológicas, mas afirma, na contramão da medicina de sua época, que o organismo guarda a memória dessa linguagem que nele se inscreveu, se incorporou. Cada língua, portanto, entretém com o corpo – que faz viver, tornando-o falante – relações únicas e insubstituíveis. E essas relações supõem o tempo, e é assim que toda língua é carregada de história.

Essa passagem de organismo a corpo pode ser captada bem cedo no bebê; no *infans* que balbucia sua língua antes de distinguir nela pontos de segmentação. Dito de outra forma, ele começa a habitar a linguagem pela inflexão de voz, pelo acento, do latim *ad-canto*, antes de falar em palavras. Balbucia, então, uma rede de escansões, de cesuras em que ainda não é possível reconhecer palavras, praticando uma fragmentação muito particular das articulações sonoras que se inscrevem no seu corpo de bebê, e que o embalam na língua materna. A partir do momento em que começa a falar a língua (ou as línguas) que todos falam em volta dele e com ele, de acordo com o sistema fonológico e as regras de formação que caracterizam cada língua, as segmentações do início, marcadas tão somente por certa musicalidade e um ritmo especial, só voltarão a aparecer, por exemplo, na escuta de uma língua estrangeira, que reencena essa escuta primeira que regula o que Nancy chamou de um “diapasão-sujeito” (2002, p. 37) cuja frequência é regulada, mas desconhecida. Nessa entrada da criança na língua comum perde-se uma sonoridade que só vai aparecer nas expressões de surpresa, nas ex-clamações – de *ex-clamare*, como efeitos da interrupção da cadeia significante. Essas interrupções, daí em diante, vão produzir efeitos que podem ser reconhecidos como lapsos, chistes⁹, criações poéticas, mas também como loucura.

⁹Sobre esses efeitos, estudados por Freud nos sonhos, lapsos, atos falhos e chistes, e retomados por Lacan com o nome de “formações do inconsciente”, cf. Veras (2002)..

4. A tradução “enfermada”¹⁰

Louis Wolfson passou por tantas dificuldades para falar e escrever o inglês americano, sua língua materna, que chegou a receber o diagnóstico de retardamento mental, o que o levou a passar muito tempo frequentando as salas destinadas aos alunos ditos especiais. Contudo, os primeiros contatos com línguas estrangeiras – francês, alemão, hebraico, russo – abriram para ele outras possibilidades. O filósofo Gilles Deleuze (1997, p. 19), no estudo que escreveu sobre o livro de Louis Wolfson *O esquizofrênico e as línguas*, afirma que a psicose e a linguagem em que ela se traduz são inseparáveis do procedimento linguístico, ou seja, das técnicas empregadas para descobrir, e chegar a uma análise, a uma decisão ou a uma avaliação linguística. A questão aqui é perguntar, como faz Albert Fontaine (2002), sobre a pertinência de falar em procedimento linguístico, uma vez que o esquizofrênico justamente não tem escolha. Pensamos, então, nas diversas formas – encontradas por esses autores reconhecidos como loucos, poetas, artistas – de lidar com o mundo da linguagem; formas que valem tanto para a ciência da língua quanto para a literatura, a arte e, de passagem, para a tradução.

O Esquizofrênico e as Línguas (Wolfson, 1984) é escrito em francês. Wolfson explica que sua dificuldade com a fala e a escrita do inglês tem como causa a vibração dos sons de sua língua materna. Cada frase é analisada de acordo com seus elementos e movimentos fonéticos para ser imediatamente traduzida para uma frase em língua estrangeira, que tenha alguma relação com seus sons e seus sentidos. Os sons do inglês americano, descritos como altos e agudos, produziam nesse singular linguista uma ressonância dolorosa, que feria seus tímpanos – o que não acontecia com a escuta das demais línguas. Trata, então, de tapar os ouvidos para bloquear esses sons, mas também precisa manter-se imune a eles nos lugares públicos, evitando, na medida do possível, ser interpelado nessa língua que era falada em todo lugar. Além de todas as técnicas tradutórias que apresenta minuciosamente, chegando ao ponto de passar cerca de 40 páginas traduzindo a palavra *believe*, descreve o aparelho que havia inventado para sair à rua sem susto: um estetoscópio ligado a um gravador portátil para ouvir músicas em línguas estrangeiras; procedimento que alternava com a leitura. Deleuze observa, em *Crítica e Clínica* (1997, p. 23), que se Wolfson usava de fato esse aparelho antes de 1976, foi ele o criador do *walkman*, e “pela primeira vez na história uma bricolagem esquizofrênica está na origem de um aparelho que se espalhará por todo o planeta e que, por sua vez, esquizofrenizará povos e gerações inteiras”. Em sua luta para fazer cessar os sons que invadem seu corpo, Wolfson acaba por descobrir um antídoto, e tenta formalizar para a linguística um saber que deseja transmitir: o saber desmontar, desmembrar, neutralizar uma língua por meio de outras.

O que faz Wolfson é traduzir – segundo regras que se impõe – sua língua materna em uma das quatro línguas que estuda. Seguindo a apresentação de Albert

¹⁰Traduzindo à moda do autor, “enfermada” vem do francês *enferme*, encerrada, fechada. Na passagem para o português, com base na semelhança sonora, cria-se o neologismo *enfermada*, a partir de “enferma”.

Fontaine (2002), Wolfson distingue primeiro as vogais e as consoantes, mais estáveis que as vogais, uma vez que possuem uma localização corporal. Lábios, língua, dentes... interrompem a coluna de ar e, com base nesses pontos, pode fazer passar as palavras inglesas para outras línguas, numa espécie de tradução pela letra. Ouvindo, por exemplo, a palavra *crazy* (louco), procura em outra língua uma palavra com sons e até grafias parecidos e que também mantenha o sentido. Encontra em holandês *razend*, que também significa “louco”, e escreve *krazend* – é absolutamente necessário que haja letras, sons ou fonemas comuns, e *alguma* vizinhança articulatória; a manutenção da similaridade de sentido não o incomodava tanto. Na palavra *mad*, intercala a sílaba *la*, do francês, e chega a *malad(e)*, ainda com sentido aproximado.

Nessa luta de morte, Wolfson tenta destruir o ruído dessa língua que toma todo o seu corpo¹¹, buscando uma equivalência que exige a passagem por várias línguas, e nem sempre o procedimento surte efeito. Esse processo de tradução, diferente daquele que dá lugar à criação artística, vale apenas como procedimento no qual se encontra, afinal, preso, enfermo, no circuito da loucura.

5. Traduzir como outrar-se

Segundo Jean-Michel Rey (2002, p. 51), é durante o período passado em Rodez¹² que Antonin Artaud leva às últimas consequências o ato de tradução, buscando, por essa via, pelo viés do outro, “aceder à sua própria palavra”. Aceita deixar-se guiar pela alteridade, e assinala a coincidência entre recomeçar a escrever e começar a traduzir. A primeira tradução dessa época destina-se a seu psiquiatra e, a partir dela, sua escrita renasce não mais “sob o ditado do outro” (imposto em alucinações), mas no “prolongamento do outro”. Rey (2002, p. 53) observa que, nesse exercício, “as palavras lhe falam, ditam-lhe certo trajeto, obrigam-no a uma espécie de retorno em direção a si mesmo, a partir de um poema inglês”, a língua poética estrangeira que traduz. O texto estrangeiro tem para ele o valor de uma solicitação e a função de um despertar (*idem*, p. 65).

Em setembro de 1943, o psiquiatra Gaston Ferdière pede a seu poeta paciente que faça algumas traduções – como um exercício que chamou de arte-terapia, e que deveria permitir uma reconstituição do homem de letras, do mundo das letras fora do qual Artaud estava preso. Ferdière acredita que a tradução, uma escrita em presença de outros textos, teria o poder de produzir nele um choque que ativasse sua criatividade, que ameaçava desaparecer. O artista nomeia seu trabalho tradução, e depois adaptação, e não se trata de duas formas de referência a um mesmo trabalho. Primeiro diz que fará essa tradução buscando reencontrar em francês a vida original do espírito dessa obra, permanecendo bem perto do texto de Carroll – algo como o *simpatico*, a que Venuti (1995) contrapunha

¹¹Wolfson também tem problemas com a ingestão de alimentos, cujos nomes, escritos em inglês nas embalagens, precisa também traduzir. Os alimentos e as palavras maternas estão ambos envenenados (cf. Deleuze, 199, p.: 24).

¹²Depois de passar por diversos manicômios (entre 1937 e 1943), Artaud chega a Rodez, um hospital psiquiátrico de onde saiu em 1946 (cf. Rey, op. cit.).

o estranhamento¹³. Contudo, não é isso que acaba por fazer, e lança-se numa verdadeira disputa com o original e a língua em que é traduzido. De fato, Artaud lê através do espelho do texto de Carroll, e sua tradução testemunha que seu corpo e sua vida fazem parte do processo. O texto que se prometia *simpatico* liberta-se da língua do original e da própria língua da tradução.

Artaud escolhe traduzir *Through the Looking-Glass*, de Lewis Carroll. Anos antes (1931) havia traduzido outro texto desse autor, *O Monge*, seguido de um “Esclarecimento”, comentando texto e tradução, e reconhecendo nele uma espécie de feitiçaria verbal, de imagens que prometiam uma verdadeira corrente de vida, como nos sonhos. No dia em que toma a decisão de traduzir, escreve:

Sou um ignorante. Acreditava estar seguro do sentido das palavras, acreditava-me até certo ponto ser seu mestre. Mas agora que eu as *experimentei* um pouco, ele me escapa.

Por quê?

As palavras valiam pelo que eu as fazia dizer, isto é, pelo que lhes colocava dentro. Mas eu nunca pude saber exatamente até que ponto eu tinha razão (ARTAUD, *apud* REY, 2002, p. 54).

A tradução é precedida e seguida de cartas para diferentes destinatários – para o médico; para Henri Parisot, o tradutor; para Marc Barbezat, o futuro editor, além de cartas a amigos. O texto de Carroll, reescrito por Artaud não é um texto qualquer, é o capítulo 6, o capítulo que traz entre outros *Humpty-Dumpty*, o mestre das significações, esfinge e intérprete, o teórico da lógica e da linguagem no mundo invertido da ficção de Carroll. As palavras do poema são inventadas segundo diferentes procedimentos, entre os quais reconhecemos o que Freud chamou de “condensação”, no livro dos chistes e nas psicopatologias. Esses neologismos valises chamam a atenção de Artaud e é a partir daí que vai manter com o texto relações de atração e repulsa, admiração e ódio.

Pouco depois, entre 1943-44, traduz um poema de Edgar Allan Poe, *O Anjo Israfel*. Dizendo-se solicitado por uma voz cujas entonações precisa transcrever, traduz transformando a relação dos elementos no interior da língua e alterando a escala do sentido. É nessa tradução, segundo Rey (2002, p. 105), que ele chega a

uma espécie de ciência das palavras [...], uma prática inédita da dicção e da escansão; golpes através dos quais a língua não cessa de ressoar, graças aos quais, como pela primeira vez, as palavras se articulam a partir delas mesmas, tecem entre elas relações insólitas.

Nesse movimento, Artaud busca ultrapassar a pura alienação, e torna possível pensar num renascer a partir de um aquém das palavras, das mais antigas ressonâncias, de que fala Nancy (2002), como se a língua, musicada e escandida pudesse, enfim, reorganizar seu corpo.

¹³Segundo Venuti (1995, p. 304), a necessidade de trabalhar as diferenças linguísticas e culturais é o que leva à possibilidade de mudanças.

6. Uma louca intraduzibilidade

No abismo que se abre “entre a experiência e o pensamento da tradução”, Berman (2008, p. 35) se põe à escuta do que chamou de “insustentável opacidade” (*idem*, p. 28) do texto de Walter Benjamin (1923), que precisa ser lido, sim, ao pé da letra, de acordo com sua dicção. Sublinha, então, a crítica radical do filósofo alemão à visão corrente de linguagem como instrumento de comunicação que dá lugar à tradução como passagem entre línguas e culturas, como forma de transmissão.

O que *diz* uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é a comunicação, não é o enunciado. E, no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo inessencial (BENJAMIN, [1923] 2008, p. 66).

Fazendo eco às palavras de Benjamin, em um tempo em que talvez ainda vigore, até mesmo por força de hábito, a visão de linguagem como instrumento, Jean-Luc Nancy volta-se para a comunicação e oferece-nos uma nova definição:

A comunicação não é a transmissão, mas a partilha que faz sujeito: a partilha sujeito de todos os “sujeitos” [...] Em um corpo que se abre e se fecha, que se dispõe e se expõe com outros, ressoa o barulho de sua partilha (de si, dos outros): talvez o grito no qual a criança nasce, talvez ainda uma ressonância mais antiga no ventre e do ventre de uma mãe (2002, p. 79).

Cabe a cada tradutor e a cada crítico de tradução uma disposição à escuta, um colocar-se em ressonância com o que nas línguas permanece não sabido, o que Jacques Lacan ([1975] 1996) nomeou, por um lapso, *lalangue*, que lembra a lalação, o balbucio da criança que ainda não fala, que diz respeito a tudo que foi ouvido antes da imposição do sentido.

A tradução de que falo neste ensaio é quase certo que não seja adequada à tradutologia – ao menos àquela que fala de tradução propriamente dita e que supõe, na trilha da proposta de Roman Jakobson (1974), a existência autônoma de duas línguas igualmente constituídas – mesmo sabendo que essa definição não é pacífica, e exige que se dê ouvidos ao que transita entre as línguas e permanece irreduzível à tradução, a despeito de toda a “simpatia”. Todavia, podemos pensar numa tradução que suponha somente uma alteridade, uma diferença que cale os sons que invadem e machucam, que permita algum tipo de convivência com o sintoma, que reabra nas línguas as veias poéticas, mesmo correndo o risco, como aconteceu com Hölderlin, “de perder-se no sem-fundo das profundezas da língua” (BENJAMIN, [1923] 2008, p. 81).

Referências

BENJAMIN, W. “A tarefa-renúncia do tradutor”. (Trad. Susana Kampff Lages). In: CASTELLO BRANCO, L. (org.). **A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin: Quatro Traduções para o Português**. Belo Horizonte/MG: FALE-UFMG, [1923] 2008.

BENVENISTE, É. “L’hospitalité”. In: **Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes**. Paris: Gallimard. Vol. I. 1966.

BERMAN, A. **L’Age de la Traduction. La Tache du Traducteur de Walter Benjamin, un Commentaire**. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 2008.

BERMAN, A. **A Prova do Estrangeiro: Cultura e Tradução na Alemanha Romântica**. (Trad. Maria Emília Pereira Chanut). Bauru/SP: EDUSC, 2002.

BLANCHOT, M. **L’Entretien Infini**. Paris: Gallimard, 1969.

BLANCHOT, M. **L’Amitié**. Paris: Gallimard, 1971.

CALLIGARIS, C. **Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses**. Artmed: Porto Alegre, 1989.

CHOMSKY, A. N. **Syntactic Structures**. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. (Trad. Peter Pál Pelbart) São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a Falar da Hospitalidade**. (Trad. Antonio Romane). São Paulo: Escuta, 2003.

FONTAINE, A. A implantação do significante no corpo. **Literal**. Campinas, n. 5, pp. 145-168, 2002.

FREUD, S. **A Interpretação das Afasias**. (Trad. (do italiano) António Pinto Ribeiro; introdução de Armando Verdiglione) Lisboa: Edições 70, [1981]1977.

_____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, [1911]1987.

_____. ; BREUER, J. Estudos sobre a histeria. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, [1895]1987.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. (Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 1974.

LACAN, J. ; LEVY-VALENSI, J. ; MIGAULT, P. Troubles du langage écrit

chez une paranoïaque présentant des éléments délirants du type paranoïde (Schizographie). **Annales Médico-Psychologiques**. 1931. (resumido e publicado com o título **Écrits 'Inspirés': Schizographie.**, 1932, pp. 508-522).

LACAN, J. Conférence à Genève sur le Symptôme. **Bulletin de l'Association Freudienne Internationale**. Paris, ([1975]1996).

NANCY, J-L. **À l'écoute**. Paris: Galilée, 2002.

PLEBE, A. **Breve História da Retórica Antiga**. (Trad. e notas de Gilda Maciel de Barros). São Paulo: Edusp, 1978.

PORTER, R. "Expressando sua enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra Georgiana". In: BURKE, P & PORTER, R (Eds.), **Linguagem, Indivíduo e Sociedade**. (Trad. Álvaro Hattner). São Paulo: Edusp, 1993.

_____. "A linguagem do charlatanismo na Inglaterra, 1660-1800". In: BURKE, P & PORTER, R (Eds.), **História Social da Linguagem**. (Trad. Álvaro Hattner). São Paulo: Edusp, 1997.

REY, J-M. **O Nascimento da Poesia: Antonin Artaud**. (Trad. Ruth Silviano Brandão). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um Doente dos Nervos**. (Trad. e introdução Marilene Carone). 3.e.d São Paulo: Paz e Terra, [1903] 2006.

VENUTI, L. "Simpatico". In: **The Translator Invisibility: a History of Translation**. Nova York: Routledge, 1995.

VERAS, V. **Linguisterra: Um Chiste**. Tese de doutorado. IEL-Unicamp, 1999.

VERAS, V. Um tempo para Chistes: o método de Freud e a transmissão de um saber. **Sínteses**. Campinas-Unicamp, pp. 453-462, 2002.

VILTARD, M. Scilicet. (Trad. Viviane Veras). **Literal**. Campinas, n. 10, pp. 209-235, 2007.

WOLFSON, L. **Le Schizo et les Langues ou la Phonétique chez le Psychotique (esquisses d'un étudiant de langues schizophrénique)**. Paris: Gallimard, 1984.